



Um quadro de Nicolau Maes.

Se, considerando nós a pintura como uma arte não só idealista, caracter commum á todas as artes, mas ainda essencialmente espiritualista — compararmos a escola hollandeza com as florentina, romana, lombarda, bolonhesa, veneziana, vastos imperios do bello, onde reinaram os Cimabues, os Raphaelis, os Caravaggios, os Corregios, os Ticianos, e outros, cujas obras inimitaveis são o asombro de todas as idades; se, debaixo desse ponto de vista, estabelecermos a comparação entre aquella e estas, apesar do grande nome de Rembrandt, o pintor por excellencia do claro escuro, vamos, necessariamente, encontrar uma differença muitissimo notavel.

Os hollandezes, por assim dizer, sectarios do positivismo, homens, na quasi generalidade, de um caracter taciturno e frio, pouco versados na litteratura dos outros povos, pobres de recordações de um passado glorioso, não vendo desenrolar-se diante de si outro quadro que não fosse o da na-

tureza, entregavam-se unicamente á imitação minuciosa desta, á representação fiel das scenas da vida commum. A maior parte das suas obras, como as dos hespanhoes, estão presas á terra por uma grossa cadeia. É o real; idealizado, porem, pela execução.

O contrario, justamente, nos apresentam os artistas italianos. Estes, dotados de uma imaginação ardente, entusiasmados pelos grandes feitos e acções heroicas dos seus maiores, deslumbrados pela grandeza e magestade das ceremonias do culto christão, almas de fogo e de poesia divagavam pelas celestes regiões da arte, por esses mundos ignotos povoados de anjos, de encantadoras visões, e penetravam os umbraes do Empyreo, lugar só accessivel aos entes privilegiados que falam a linguagem do céu. Os assumptos dos seus quadros são todos elevados, profundos; tocam os objectos mais sublimes da crença religiosa e os grandes acontecimentos e os grandes personagens

da historia. Ninguem, como elles, exprimio tão clara e completamente o caracter espiritualista da pintura. Tudo ali é maravilhoso, celeste, divino; e confirma a opinião de todos os philosophos, que teem escripto sobre a esthetica da pintura, que a teem olhado como uma arte puramente christã. E lá está tambem a historia que não desmente a sciencia: o ideal christão é a base das obras primas dos grandes mestres. «Primeiro, diz Hegel, é o amor do Christo, o amor de Deus para com os homens, que se reproduz em todos os actos da sua vida mortal, na sua infancia, nos seus milagres, na sua paixão, na cruz e na resurreição; depois veem os personagens da familia santa, a Virgem, S. José, os discipulos; eis assumptos inexgotaveis de quadros em que se encontra o mais elevado ideal. Entre elles distinguem-se, como os melhores, a infancia de Christo e a sua paixão. Em outro ponto de vista, o assumpto mais feliz é o amor materno, o amor da Virgem, que offerece situações do mais puro e elevado interesse, a annunciação, a visitação, o nascimento, a fugida para o Egypto, etc; mas sobretudo Maria aos pés da cruz. Ao lado de um tal assumpto não offerece comparação a Niobe antiga. De um genero menos elevado, ainda que tambem cheios de interesse, são os quadros que representam os discipulos, os apostolos, os santos, a adoração, a penitencia, a conversão, a glorificação; estes assumptos inspiraram os maiores pintores. O mesmo acontece com estouta face do sentimento religioso, do soffrimento e da dor, nas scenas que representam o martyrio, na constancia, nos supplicios, na dor phísica e moral, nas feridas do amor, nas tristezas da alma, na penitencia interior, no arrependimento, na contricção, etc.»

Mas, a esphera onde habita essa perola das artes plasticas é immensa; não deve sómente abraçar o mundo supra-natural: o homem e a natureza tambem teem direito a compartilhar dos seus dons. A pintura póde, pois, representar os assumptos mais elevados e profundos, assim como os, na apparencia, mais pobres e mais insignificantes. No primeiro caso attinge os objectos mais sublimes da crença religiosa; no segundo abre um vasto e livre campo ás particularidades da natureza e da vida real. E nisto apenas se vê dois grandes systemas, dois estylos, duas escolas oppostas: a opposição do ideal e do real, mas do real idealizado pela execução. No ponto de vista artistico, nenhum destes systemas, destes estylos se póde julgar superior ao outro.

A escola hollandeza, pois, entregando-se exclusivamente á representação de scenas da vida ordinaria, á imitação da natureza, adquirio, no seu genero, a mais alta reputação, e tornou-se sobretudo, notavel pela verdade do colorido e bem acabado, do trabalho. Conta um grande numero de artistas de genio, entre os quaes, depois de lembrar o grande Rembrandt, citaremos apenas Gerard Dow, Gerard Terburg, Gabriel Metz, Francisco Mieris, Paulo Potter, Baysdael, Berghem e Nicolau Maes, e os seus quadros, cuja maior par-

te existe na galeria nacional de Londres, são todos de grande merecimento e subido valor.

A nossa grayura é copia de um quadro deste ultimo, e representa o interior de uma habitação hollandeza.

Nicolau Maes nasceu em Dort, em 1632, foi discipulo de Rembrandt, a quem imitou no claro-escuro, companheiro de Jordaes e morreu em Amsterdam em 1693.

F. A. D'ALMEIDA.

A GALATÉA MODERNA

(Vid. pag. 52)

XVII

Doas amigas

Ja grande festa no theatro de S. Carlos. Cantava-se nessa noite a incomparavel *partitura* do sublime maestro, do grande Rossini: o *Othello*.

A Borghi e Mongini disputavam primazias de cantores e actores. A Borghi, Desdemona amorosa, fremente, louca, desvairada, não como a pintou o poeta inglez, o divino William, virgem timida que se enamora do guerreiro, por lhe ouvir contar as façanhas, mas como a creou o maestro, revelava-se á platea como uma encarnação viva do poder da harmonia.

Debalde se contorcia Mongini e dobrava a maviosa garganta a caprichos sobrehumanos, a Borghi, a mulher rouxinol, dava largas ao seu timbre cheio de thezouros melodicos, e vencida e ficava com as honras da noite.

O *Othello* foi uma appareição. Sem a Borghi, não mais poderemos mergulhar nessa catadupa de harmonias sonoras, não mais poderemos embalar-nos nessas delicias, em que a alma do maestro não poupou os seus requebros apaixonados e os seus recursos fogosos.

Por isso era para ver o recolhimento religioso, a unção verdadeiramente artistica com que os raros espectadores intelligentes ouviam o terceiro acto, e se immergiam naquella lago encapellado de paixões, sobre cujas ondas revoltas, a voz da cantora surgia ainda, com o seu ultimo suspiro.

Cantava-se, pois, o *Othello*.

Em um camarote de primeira ordem estavam, desde o principio do segundo acto, as duas amigas, que são heroínas deste verdadeiro romance, se porventura é licita a expressão.

Eram duas formosuras. Violante, principalmente, fascinava, como uma dessas visões, que só o ideal do poeta póde crear nos seus arrebatamentos.

Já não era aquella camponesa azougada, febril, cheia de caprichos, espirito inquieto e fogoso. Havia no seu rosto lindo um véo de suprema melancolia, como quem se compraz de evocar uma saudade indefinida, uma lembrança constante de alguns instantes, que voaram rapidos, e já lá ficam tão longe, tão longe, que a alma, para voltar a elles, deixa quasi sempre o corpo na viuvez.

Mas que poderosos e novos encantos não ganhou a viscondessa! Ao garbo natural, que flexibilidade artificiosa! Que morbidez nas faces pallidas, as quaes de repente se illuminam com o fulgor dos

olhos, que ora rebrilham, ora se amortecem, conforme olham para o porvir, cheio de esperanças, ou contemplan o passado, cheio de saudades.

— Olha, minha querida, dizia ella para a baroneza, a felicidade é uma chiméra. Nem eu sei como haja quem a procure neste mundo. Eu sonhei com ella. Bem sabes que atraz desse impossivel andei sempre. Julguei que o grande mundo, isto que chamam alta sociedade, as riquezas, os bailes, todos estes esplendores, que se compram, eram a ventura. Por elles fugi da placidez dos campos. Por elles evitei o amor. Quiz ser livre no meio das peias; casei, como é uso; casei philosophicamente, como tu dizes. E ao cabo disto, o vacuo.

— Estás hoje melancolica, minha filha, e vês tudo envolto em negro véo. Talvez a appareição de Alfredo...

E a baroneza fixou os olhos nos de Violante. Mas nem uma só faisca divisou. A viscondessa estava em um periodo de anemia espiritual. O coração della era como as algas, que se implantam sobre um rochedo, e obedecem á onda; ora mergulham, ora se erguem, inertes, frias no meio da amplidão, movendo-se por influxo estranho, almejando o repouso nos seios placidos do Oceano.

O que ella dizia era uma verdade. Enganára-se, ou antes, a falsa idéa que fizera da vida, a pernicioso leitura de alguns livros, os perniciosos conselhos da baroneza, creatura vã, casual e impudica, todos estes elementos conspiraram para ella fugir ao viver placido, que a sua natureza exigia, a qual, se tinha arrebatamentos nervosos proprios da juventude, tinha tambem essas contemplanções sem objecto fixo, esse divagar reflexivo, essas fascinações subitas, repentinas, inesperadas, que obrigam a alma a confranger-se, receiosa de macular a sua candura ou de se perder no desconhecido.

Effeitos da educação! Violante, flexivel e pudica como a bonina, julgou capaz de respirar o ar dos salões, por não morrer de frio no isolamento das campinas.

Ella, toda amor contemplativo, ella, a virgem christã, quiz ser bachante da orgia social, quiz vender corpo e alma á cupidez revolta da civilisação, quiz fazer mercancia da sua formosura, e apesar disso, natureza elevada, coração amante, anjo, apesar de precito, não se atreveu a arrastar ao tremedal o homem rico e apaixonado, que ella amava.

Galatêa, como ella se denominava, Galatêa que fugia dos salgueiros para se embrenhar nos terribes labyrinthos das salas, muito mais perigosos, e donde a alma não sae impolluta, deixou-se enganar por falsos instinctos, mas não enganou ninguém. O coração ficou áquelle que lho havia enfeitado. Dois annos sorveu ella a taça inebriante dos prazeres mundanaes. Dois annos respirou a atmosphaera enfermiza, a atmosphaera ignea das salas. Rodopiou na walsa, sentio as vertigens, o delirar confuso, entre luzes, no turbilhão, arrasada por um impulso fatal. Cercada de luxo e ri-

quezas, podendo satisfazer todos os requintes da sua vontade, pareceu-lhe Lisboa pequeno theatro. Passou o inverno em Paris, visitou o Rheno, e as suas ruinas melancolicas, memorias legadas pelos cavalleiros da idade-media, aonde resoaram outrora armaduras de combate e que são visitadas hoje pelos banqueiros opulentos, e pelo inglez amigo do *comfortable*. No outono correu a formosa Italia, a amante das nações, bella mercenaria que recebeu nos seus braços voluptuosos todos os povos, e hoje, encostada a seus filhos, enrama a frente de louros.

E Violante ficava sempre pensativa e triste. No meio de uma walsa, parava extatica, como se um demonio fatal lhe agarrasse de repente a cinta. Em um pincaro da Suissa punha-se a scismar, contemplando a scena, e dilatando os olhos pela amplidão, procurava o seu berço natal; no Colyseu só via ruinas, e sobre ellas parecia-lhe divisar os vultos das romanas impudicas, que, ebrias de vinho e amor, animavam os gladiadores. Uma tarde sentada no fuste de uma columna tombada, lembrou-se da virtuosa esposa e mãe cheia de carinhos, que *viveu casta e guardou o lar*.

E ella, que com ser casta apesar de não amar, fugira do lar, daquelle seu derrocado solar, aonde lhe ficou a alma presa ás recordações!

Encontrando sempre o vacuo, adormecido o coração; desenganada a sua fé, soffrendo o castigo das suas ambições, Violante voltou a Lisboa, aonde vivia retirada, quasi em austera clausura, deixando ao visconde toda a liberdade de acções, da qual abusava, porque se entregava a todas essas *futilidades custosas*, que enchem o aborrecimento dos homens ricos e sem idéas.

Tal era a disposição de Violante. Tal era a causa da sua melancolia.

Mal soube da volta de Alfredo, pareceu-lhe sentir alegria. O amor é fogo que só com o odio se apaga, e Violante não odiava Alfredo. Mas não queria amal-o. Culpada perante a consciencia, já-mais o seria para com o mundo. Se fosse necessario luctar, luctaria, e em todo o caso preferira a morte á deshonra.

Estes eram os seus planos antigos, nem outros lhe permittia a sua alma nobre e altiva. Por isso, respondeu á baroneza:

— Não, querida. Eu tive loucuras da mocidade. Phantasiei o meu romance, de que tu foste a bella confidente e conselheira. Julguei que amava Alfredo. Foi um engano. O visconde torna-me feliz, e o meu filhinho não me dá tempo senão para o acariciar.

— Quão mudada te vejo! Quem dirá que és aquella azougada, que eu conheci? E eu que julguei haver-te captado...

— Sou tua amiga, bem o sabes, e pois to confesso, acredita-me, que não sei mentir. Praz-me porém, o recato da familia. Vim hoje aqui por te contentar.

— E não tens vontade de ver Alfredo?

— Tenho. Não me arreccio de córar e é doce ver amigos antigos.

— E perigoso.

— Enganas-te. Se eu pensasse como outr'ora! Mas hoje, sinto-me tão desenganada! Tu, sim, que vives em perpetua primavera.

— Olha. Lá está elle ao pé de F. Como parece absorto! Como está admirando as iras de Othello no seu dialogo com o traidor Yago!

— Se queres que te falle com franqueza, não gosto desta musica. Ha aqui uns instinctos selvagens, umas vinganças terriveis, uma idéa de exterminio, que eu não comprehendo.

— Creança! respondeu a baroneza, arquejando e haurindo as notas encantadoras que Mongini arrancava do peito, como quem arranca o coração para o dar ás paixões, que correm a devoral-o. Assim é o amor. Eu quizera ser amada assim.

— E eu... não sei.

— Mas lá acabou o acto. Alfredo comprimontou-nos, e brevemente aqui está.

— Como estás agitada, minha baroneza! Como te arfa o peito! Nem que receiasses algum inimigo?

— Eu? tornou a baroneza, mordendo os beiços, ao ouvir as exclamações algum tanto zombeteiras da viscondessa. Se tenho medo, é por amor de ti.

— É escusado. Vê como estou socegada. Os caprichos não voltam.

— Deus queira.

Alfredo entrou neste comenos.

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

TRAJOS INGLEZES NO SECULO XVI

Todas as tyrannias têm sido derrubadas; todos os freios do pensamento e da acção têm sido lacerados; um despotismo subsiste e subsistirá; o mais absurdo de todos, o menos justificavel, é verdade que tambem o mais inoffensivo, o da moda. Pode reinar a anarchia nos imperios. Podem os governantes subir ás eminencias do poder, e resvalar dessas eminencias nos mais profundos abysmos; a moda campeia sempre respeitada e obedecida.

Não terá explicação alguma esta energia de resistencia com que modistas e alfayates se oppõem ás tentativas de revolta, e conseguem curvar debaixo do seu jugo as cabeças mais insoffridas? Será este um dos muitos enigmas ainda insolúveis que a organização humana, essa eterna esphyngue em vão estudada pelos Edipos millenarios, propõe constantemente á meditação dos pensadores? Não o crêmos. Parece-nos que a explicação existe, que o logogrifho não é de todo indecifrável, que o segredo de vitalidade constante desse despota reside na sua propria essencia de Protheu, que a duração deriva na moda da flexibilidade, e que, da mesma fórma que na fabula Lafontainiana do Carvalho e do Canniço este resiste ao impeto do vendaval enquanto aquelle succumbe na lucta, o despotismo da moda perpetua-se transigindo, enquanto os outros despotismos se quebram reagindo.

Dá morte dos despotismos politicos resulta necessariamente a liberdade? Não; a herança transmite-se dum a outro despota. Luiz XVI cede a Lafayette, Lafayette a Danton, Danton a Robespierre, este a Barras, Barras a Napoleão, Napoleão aos ministros dos Bourbons, os ministros dos Bourbons a Guizot, Guizot a Cavaignac, e o general Cavaignac a Luiz Bonaparte. Seguimos as transformações politicas da França, porque na França é que a moda impera sem rival, e de lá dicta as suas leis ao mundo. Ora esses despotismos successivos porque fóram successivamente morrendo? porque fincaram o pé no solo convulso dos seculos, e não se deixaram balouçar brandamente pelas commoções subterraneas. As idéas mudavam, e elles ficavam immoveis. O sopro das paixões percorria toda a rosa dos ventos revolucionarios e elles continuavam a desferir as mesmas velas. Consubstanciêm-se estes dez despotismos num só, mas variavel, num despotismo Protheu e nunca morrerá.

Pois existe noutras regiões, gosa duma vida immortal e é esse o que nós denominamos o despotismo da moda.

A moda, com effeito, conserva o seu dominio a favor da sua perspicacia; melhor talvez do que a litteratura, a moda é a expressão da sociedade. As idéas predominantes num seculo nella se reflectem instantaneamente, e não admira por conseguinte, que a moda se imponha duma forma tyrannica se ella é a mais perfeita encarnação do pensamento principal a que uma geração se curva. Vejam a cabelleira de cachos do seculo XVII, a *tenue* rigorosa do cortezão do tempo; veja-se tambem a frivola *toilette* dos fidalgos do seculo XVIII, a cabelleira polvilhada e o chapéo tricornio posto debaixo do braço e o tacão vermelho. Desça-se depois á Republica. Severidade no traje, cabello á Tito, vestuario austero; depois a reacção directorial levando a extremos de ridiculo a extravagancia da frivolidade; depois o traje semi-militar do tempo do imperio; veja-se, finalmente, que fragrancia de semsaboria, de indifferentismo rescendem as nossas casacas pretas, os nossos chapéos altos, as nossas gravatas brancas. Analysem a moda atravez dos seculos, e verão se nas suas evoluções não está perfeitamente consignada a historia do espirito humano.

A nossa gravura representa os trajos inglezes do seculo XVI, do tempo em que reinavam Izabel e Shakespeare, a rainha terrestre e o soberano das almas, a rival de Maria Stuart, o grande homem a quem os seculos, desdobrando-se lentamente, não poderam senão apresentar dois ou tres rivaes, dois ou tres desses vultos enormes que topetam com a fronte os céos para a coroa-rem de estrellas. Foi para a Inglaterra o tempo da poesia, da elegancia, do pittoresco. Ainda a grande nação não era a ambiciosa, a calculadora, a materialista que se foi fazendo nos tempos posteriores, e já não era a nação selvagem e brutal, cujo nome infundia terror no continente, e que vencendo a França com as armas era por ella vencida em cortezanias. Não; na epoca afortunada de



Trajos inglezes no seculo XVI

Izabel, a Inglaterra entra a plenas velas. no mar da civilisação e respira com jubilo as suas auras suaves e perfumadas. É o tempo em que nas brumas britannicas se estampa vagamente o gracioso perfil de Julieta, em que um raio do sol italiano insinuando-se timidamente por entre os nevoeiros do Tamisa vai fazer germinar na frente do poeta a criação deliciosa de Romeu; é o tempo em que as frias inglezas sonham com os Othellos ardentes em que os spleenaticos subditos do *rex Elisabeth* devaneiam Desdémonas, virgens ideacs, candidos phantasmas costumados até então a vaguearem apenas entre os myrtaes de Chypre, os roseiracs de Napoles, e os laranjaes de Andaluzia. É o tempo dos festejos sumptuosos de Kenilworth, do reinado da elegancia debaixo do nome de conde de Leicester, do reinado da cavalheiresca e aventureira poesia debaixo do nome de Walter Raleigh.

É o tempo em que a poesia illumina os proprios cadafalsos, porque rola nelles ou a gentil cabeça de Maria Stuart, ou a cabeça orgulhosa do conde d'Essex.

É o tempo, finalmente, em que se senta no throno uma mulher caprichosa e dominadora, graciosa e altiva, pensadora e scismadora, virginal e apai-

xonada, a ciumenta Izabel, a despotica filha de Henrique VIII.

Vede como os trajos nos denunciam bem a sua época. Vede como nos seus ornatos se reproduz bem o aspecto pittoresco da sociedade ingleza. Aquellas bordaduras maravilhosas são como que a traducção em setim e veludo, em ouro e pedrarias, do estylo não menos arrendado, não menos inundado de luminosos reflexos, não menos aureo, não menos diamantino do immortal Shakespeare. Aquelles cortezãos elegantes acabam de applaudir o *Sonho de uma noite no estio*, a *Tempestade*, o *Judeu de Verona* ou alguma outra preciosa phantasia do poeta do Avon. Assim deviam trajar os fidalgos para attrairem as vistas da sensivel rainha. Assim tambem deviam vestir as damas para não excitarem os ciumes da sua rival coroada. Porque é uma cousa notavel, característica da theoria que avançamos, e que o leitor póde observar contemplando com attenção a estampa. Enquanto o fato masculino se esmera em apuros de elegancia, enquanto os cortezãos se esmaltam de graciosos bordados, de floridos matizes, o fato feminino toma um aspecto pesado e impertigado, absolutamente desfavoravel a tudo quanto seja ta

lho aéreo, flexibilidade suavissima de collos de garça, tendente emfim antes a desfigurar a formosura do que a dar-lhe realce.

Walter Scott num dos seus mais bellos romances *Kenilworth* dá a seguinte descripção dum dos trajos mais brilhantes do rei da elegancia nessa época, do conde de Leicester:

«O favorito, diz elle, vestia de branco; trazia meias de seda branca, calções de veludo branco forrados de lhama de prata que se via atravez das chanfraduras praticadas ao longo das coxas; um gibão de lhama de prata e uma vestia de veludo branco, bordado a prata e a perolas. O cinturão, afivelado a ouro, era tambem de veludo branco, e de veludo branco, igualmente, a bainha da espada com os copos esmaltados de ouro, e o cabo do punhal cravejado de finas pedras. Por cima de tudo trazia um rico manto de setim branco tendo uma orla de bordado de ouro da largura dum pé. O collar da ordem da Jarreteira, e a liga azul em torno do joelho completavam o trajo do conde e esse trajo dizia tão bem com a sua estatura nobre, com o seu aspecto gracioso, e com as bellas proporções do seu vulto, que todos confessaram, quando elle appareceu, que era o mais gentil fidalgo que nunca se vira.»

Comparem este lord do reinado de Izabel com um lord do reinado de Victoria, com a sua casaca preta, o seu chapéo redondo, e as suas luvas brancas, e digam-me se esse paralelo não vale tanto como um paralelo historico para se conhecer a differença das duas épocas.

M. PINHEIRO CHAGAS.

O BUSSACO

(Continuado de pag. 63)

Antes de proseguir, devo aqui fallar num homem a quem os amantes de poesia, e os mineiros do passado devem um serviço. Em quanto não era administrador das mattas o moço que hoje tão distinctamente exerce esse cargo, davam-se em Bussaco scenas de vandalismo, de cortar o coração do que os teem. Felizmente, hoje poz-se cobro a esse indesculpavel sacrilegio, e em vez de se arrasarem cedros millenarios, imita-se o procedimento dos frades: não se destróe; conserva-se e augmenta-se notavelmente a plantação.

Feita esta leve paragem, e dado este sincerissimo agradecimento, prosigamos a nossa derrota para a fonte de S. Silvestre, que é uma das principaes das muitas que ha no recinto. O caminho para lá é sombrejado de frondosas arvores, que estão acompanhando na lyra rumorejante de seus braços os trinados das aves. As folhas que o ultimo outono despegou, foram cair sobre as antigas, de modo que a terra se alastra toda por igual de uma manta que vae aos nossos passos murmurando como de contente.

A fonte fica no topo da rua, e para a esquerda desce o valle de S. Silvestre.

Musgosa e bella, tem um ar de satisfação a fresca matriz das aguas, que já de longe parece estar dizendo aos que se lhe acercam: bebei na minha veia.

O valle attrae a vista do caminhante: amenissima primavera eterna, que se diria estar ensaiando psalms, á grandeza do céu, e ás auras embalsamadas com os mil perfumes da caçoila rustica da selva.

Havia ali uma tosca meza de pinho com uns assentos, mandada fazer pelo conde da Graciosa para os seus jantares ao ar livre nas tardes abraçadoras de julho e agosto. Sentaram-se todos, excepto eu e T. B. que fomos girar. Cortámos pelo mato, e seguindo um incerto picado pelo emmanhado das silveiras, iam-nos entranhando pelo escuro da selva. Algum pequenissimo claro ou raleira que deixava o basto do arvoredado, parecia disposto assim por Deus, para que nas peregrinações dos eremitas, lhes fosse de quando em quando reaparecendo o céu onde as candidas almas delles se levariam, e distraíl-os, se por ventura fosse mister, de alguma admiração terrena.

Quando iam assim, desprendidos de tudo quanto é prosaico, num continuo poetar inconsciente, deparou-se-nos um comoro com sua porta baixa, onde mais se viam musgos, e bambinellas de hera, que pedra e cal.

Abaixámo-nos reverentes e transpuzemol-a. Tinha-se-nos na nossa viagem de descobridores, deparado um daquelles eremiterios para onde os moradores do mosteiro se iam viver vida ainda mais solitaria e contemplativa.

Reconhecia-se por baixo do ortigal que nascera naquelle terradosinho, reconhecia-se que havia sido ali o jardim do ermitão. Outrora, nasciam e medravam com os carinhos do bom velho, as flores para o altar da virgem, sua namorada e companheira de soledade, no chão que nós pizavamos.

As mãos enrugadas do pobre ancião, por ali tinham andado, amparando, com mil desvelos, o nascer e crescer dos cravos, maravilhas, madre-silvas e jasmims, luxo pobre do indigente altariño da Senhora.

As grandes horas do dia, passava-as o ermitão em joelhos sobre a lagea, orando á virgem, e cantando-lhe suavissimas canções, escutadas pelas aves, que vinham saltitando até o limiar franço á luz, e pelos anjos do céu, que acudiam, sem ser vistos, a espalhar benções sobre a fronte calva e abatida do velho.

De tres quartos se compunha a habitação: a ermida, com poucas e pauperrimas alfaias; a *caza do fogo*, com lenha que o proprio ermitão ia cortar, e trazia ás costas, uma panella afumada e antiga, e mais nada; e a sua cella recobro para as poucas horas do somno. Da fresta deste cubiculo via-se fóra uma grande penha. Fomos lá e encontrámos cavado na penha um assento, para onde, provavelmente, se ía sentar o frade, a ler na sua santa Biblia. Ha paginas ali, que só bem se comprehendem quando lidas assim na quietação conversadora da natureza. Conversadora, lhe chamo eu, que ás vezes, quando me deixo alhear no centro da feracidade de um arvoredado, fallo ás flores, e ellas respondem-me; fallo ás aves, e com-

prehendo-as; fallo ás virações, e o que as virações, e as aves, e as flores me respondem não é, de certo, na linguagem dos homens, mas na linguagem em que lhes eu fallo: mixto de amor e admiração. Ali sim que se comprehende a poesia. Se os poros do coração, (deixae-me expressar assim) se os poros do coração estão abertos e sequiosos de affectos, sentimentos e paixões, quando, longe dos artificios da humanidade, nós voltamos ao casto viver dos tempos que lá vão, viver de alma e coração, votado ao céu e a Deus, como se não hão de descantar as escondidas maravilhas que aquellas phrases em si contém!

A penha fica mesmo á orla de um precipicio, cortado a pique muitas braças sobre o valle. Não penseis, no entanto, que aquella penedia abrupta se deixou ficar viuva das verduras e flores com que se arreia toda a mais cerca:

Uma tarde, já cansada da sua triste pallidez, disse a penedia ás auras que passavam, e que vinham subindo do profundo desse valle:—ó auras, trazei-me sementes das flores lá de baixo. E passados soes, de todas as fendinhas da rocha escarpada rebentaram os pimpolhos dessa verdura que hoje veste e alegra a penedia.

Esquecia-me notar, que no telhado havia um sininho, com que o frade chamava o ermitão mais proximo, á hora da missa do dia, para juntos a dizerem e ouvirem. Seis ou sete degrãos armados sobre o muro lá levavam os mal seguros passos do ermita, que tudo aventurava, mesmo a vida, no serviço do Senhor.

Estou-vos vendo, meus leitores, namorados, como eu, do encantador viver do monge. E deveis que o deveis estar. Que vida mais sincera encontraes vós em todo o mundo, que a daquelle honrado velho, que se deixava viver amando a paz e a Deus, num deserto tão consoante aos enlevos da alma.

Volvemos para a fonte de S. Silvestre, com uma impressão tão mansa e tão fagueira do pobre tugurio do frade ermitão do valle de S. Silvestre, que lhe invejavamos do fundo da alma a solidão silenciosa e mystica de que se elle gozava no seu viver pacifico, todo pelos órgãos affectuosos e sensitivos da alma?

Emquanto se punha a meza do jantar, em frente da fonte de S. Silvestre, e á bordinha da estrada, mesmo a partir com o valle, fui abrir, com a navalha, num tronco de arvore, as iniciaes do meu nome. Todos aquelles troncos, eram uma especie de album rustico, onde os moços que passavam inscreviam uma letra, uma data, um nome, um nada, que, volvidos annos, lhes recordava um momento do passado, uma saudade, um enlevo, um amor, talvez um mundo. Todos os moços fazemos isto, e antes o não fizemos.

Se eu voltar, já tropego, e com os pés para a sepultura, á fonte de S. Silvestre, hei de ver com os meus filhos as duas letras e a data, e ha de vir-me á lembrança aquella saudosissima tarde do dia 13 de junho de 1866, e por ellas lhes hei de contar, se puder, tudo quanto me encantou a

mim. Que recordações dolorosas me não hão de assaltar! E de tudo me eu livrava não pondo aquellas iniciaes; e no entanto, se me perguntarem porque as puz, não saberei responder.

Lá estão para sempre.

Terminado o jantar, puzemo-nos novamente a caminho para o Calvario: o T. B., beirão-encartado, o nosso guia, veterano coxo e eu.

Em vez de subirmos pela via que segue em torcicolos para a direita e para a esquerda, por onde os mais iam, tomámos por um atalho escabroso, que subia com a mira no Calvario, cortando aqui e acolá a estradã batida.

Não fallando nas capellinhas, que vamos encontrando em diversos lugares da estrada, e em que se mostram muito ao vivo os dolorosos passos da Paixão de Christo, Nosso Senhor, vamos afinal defrontar com a ultima, que foi cabo da jornada do que por nós padeceu, e que é para nós tambem termo, mas de devota romaria de poetas e artistas. Assenta-se a capella do Calvario na crista de um penedo altissimo de marmore vermelho, e foi construida pelo bispo D. João de Mello, com tanta grandeza que por si só representa um mosteiro pequenino.

Era caza de habitação para um monge que ali tinha a sua cella. O oratorio, a sachristia, a caza do fogo e o cubiculo do ermita, compõem, desataviados, o interior do Calvario. Um corredor que vae da sachristia para fóra, é obstruido quasi por uma lomba do penhasco, de difficil desbaste. Quem por ali passa, tem de se curvar, para não dar com a cabeça nelle. Vem este incidente para mostrar que se não olhou á commodidade do morador, mas á decencia da caza do Senhor, onde algumas imagens e joias havia de subido preço. Ficam todas aquellas cazas em correnteza, indo o corredor entestar com um eirado de lagedo, com cisterna ao meio para uso do frade e aceio da habitação, cercado de muro aberto em ameias, e coroadado de alegretes para flores da devoção do monge e adorno do retabulo do Senhor.

Dilata-se a vista das ameias do eirado por sobre toda a cerca. Vê-se muito de cima o convento, entre as frondosas arvores que lhe dão sombra, expirando ainda hoje perfumes religiosos.

A copa do arvoredado, alonga-se cerrada como o relvedo duma malha não ceifada, e abre vontades de lançar-lhe a pasto o gado das lezirias.

Ficámos a uma das ameias, a olhar para a scena, mais extasiados pelos olhos da alma que pelos do corpo. O que sentimos não se descreve. Era um pasmar e um esquecer-se a gente de si mesmo, como quem começa a adormecer, e tem uns tresvarios na vista.

Ali não era a modorra que seduzia os olhos; mas um banho de poesia envolvendo-nos os sentidos, nos transmigrava para a melancolia harmoniosa de uma arrebatadora scena da natureza.

Com o meu desejo de ver tudo, propuz a T. B. irmos até a Cruz Alta, pinaculo de toda a serra. Foi acceita a minha proposta, e puzemo-nos nós dois sós a andar, desprezando o trilhado, e abrindo

pelo mato o mais curto caminho para o fim da jornada aventureira.

Pelos altos da serra já não é tão frondosa e corpulenta a vegetação, mas inda assim não ha palmo de terra que se não vista de mato florido, de rosmaninho, brejos, e de arbustos olorosos.

Chegámos á Cruz Alta. Tinham-me annuciado muito, achei muito mais. Avista-se dali tal grandeza de mundo, que pensa a gente abarcar com os olhos a nossa geira de terra portugueza.

Na romota antiguidade, plantou naquelle mesmo lugar uma cruz de páo, certo piloto, para que servisse de mira de aproamento aos mais navegantes que, nos plainos do mar alto, demandassem as costas de Portugal.

Passados muitos annos, Francisco Pereira de Miranda, do lugar da Gracioza, mandou substituir a arruinada cruz por outra feita de alto cypreste.

Durou este lenho, em poder dos frades, até o anno de 1645, em que um sacrilego raio o des-arvorou.

Mandou collocar, no mesmo lugar, a cruz que hoje existe, e construiu-lhe aquelle socalco que a circunda, Manoel Saldanha.

Diz a respeito da elevação a que se acha a Cruz Alta, o chronista da Ordem, que: «de ordinario lhe ficam as nevoas de maneira inferiores que vendo-se o céu sereno e claro, se não divisa a terra. Parece documento do aucter da natureza para que os moradores de Bussaco entendam que existindo naquelle santo lugar superiores ás nevoas do mundo, só devem olhar e ver as luzes do céu.»

Este cume da serra avista grande parte do reino. Terras de sete bispados se descortinam naquelle ameno e largo amphitheatro: de Coimbra, Leiria, Guarda, Vizeu, Lamego, Porto e Braga.

Para o Oriente correm á vista as serras de Estrella e de Castello-Rodrigo levantada á distancia de trinta leguas.

Para o Meio-dia, a de Miranda, e já olhos de lynce presumiram entrever a de Marvão, desviada além de quarenta leguas.

Para o Norte, a de Grijó, dali quinze leguas.

De roda, em dias claros, vêem-se distinctamente mil povoaes, aldeias, villas, e algumas cidades, sitas nos territorios que abarcam estas serras que já disse.

Para o Poente, redemoinha o estendal azul do Oceano; a vista não mede leguas, porque onde os olhos terminam o seu officio, começa a ver a imaginação, e não sabe o homem marcar ballisa naquelle horizonte infinito.

Em dias soalheiros, claros e serenos, divisam-se embarcações, sulcando em diferentes rumos, e para diversas paragens, espectáculo admiravel, e talvez mais ainda quando enfurecidas esbravejam as serras de agua nos seus aquosos guerreamentos.

Tem este scenario por panno de fundo o que levamos dito. Ao perto, mil verdejantes oiteiros se elevam e parecem correr atraz uns dos outros, como os cabeços d'agua no Oceano, em mar de rolo. As ribeiras caudalosas vão regando os gala-

nados valles, bosques, prados e arneiros. Em tudo pareceu andar *licenciozo pincel*, como diz fr. João do Sacramento, *sobornado do gosto*, escolhendo em todo o mundo os mais formosos paineis de belleza campezina.

ORDENS RELIGIOSAS ARABES

As ordens religiosas na Argelia, distinguem-se entre si pela sua diferente forma, mas todas estão baseadas no mahometismo puro. Uma só, a de *Aisadua*, partecipa de certa má fé em suas práticas piedosas.

Estas ordens são em numero de seis na provincia de Constantina; existem, porem, outras, mais ou menos ferventes, nas outras provincias; estas são:

Os *Kouan* de Sidí-Abd-el-Kader-el-Djelali, de Muley-Taieb; os de Sidí-Mhammet-ben-Aiso, ou Aissaoua, de Sidí-Mahmmedben-Abd-el-Bahman-Hoborin, de Jusef-Hansali, de Sidí-Hamet-Teidjani, chamado no oeste Tedjini.

Cada ordem é dirigida por um *Khalifa* (lugar tenente) que é considerado como o chefe espiritual. Este *Khalifa*, elege em cada cidade os chefes chamados *mokaden* e *cheick*, que a seu turno os representam, presidindo cada um uma mesquita. Sustenta correspondencia com todas ellas, transmite-lhes ordens ou noticias, e recebe em troca as contas respectivas á ordem.

Os *Khouan* tem mesquitas e *Zaouios* (mesquitas em que se exerce o ensino em grande escala.) Todas as cidades algum tanto importantes, contem pelo menos uma mesquita de cada ordem. Fóra das cidades vivem muitos *goubba* (marabutos.)

Quando um individuo entra em qualquer destas ordens, diz que *tomou a rosa* de tal ou qual marabuto, segundo fór o nome. Assim, o que se quer fazer *Khouan* ou irmão da ordem de Ben-Abd-el-Rhaman, toma a *rosa* de Ben-Abd-el-Rhaman.

Quando um musulmano pretende ser recebido em uma congregação, faz-se apresentar por um irmão alcheik ou makadem; este condul-o pela mão, do mesmo modo que se costuma fazer aos franc maçons. Para se reconhecerem dous musulmanos, quando se encontram, costumam perguntar-se: *¿Que rosa trazes?*

É necessario advertir que em arabe a palavra *rosa* diz-se *onard*, que se pronuncia, pouco mais ou menos, como a palavra *ordem*, accentuando levemente o *em*. *¿Seria a origem commum de ambas a palavra latina ordo?*

Não vás á Africa para ver monstros; viaja por um povo em revolução.

PYTHAGORAS.

Para não perderes tempo, lê unicamente os annaes de um povo: todos os povos se parecem.

PYTHAGORAS.